

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DOUBLE BILL
15 de abril de 2023

LES SEPT PÉCHÉS CAPITAUX / 1962

Filme em "sketches" de Sylvein Dhomme,
Edouard Molinaro, Philippe De Broca,
Jacques Demy, Jean-Luc Godard,
Roger Vadim e Claude Chabrol

1º "Sketch" – LA COLERE

Realização: Sylvein Dhomme / Argumento: Eugene Ionesco / Fotografia: Jean Panzer /
Interpretação: Marie-José Nat, Dominique Paturel, Jean-Marc Tenberg, Perrette Pradier, etc.

2º "Sketch" – L'ENVIE

Realização: Edouard Molinaro / Argumento: Claude Mauriac / Fotografia: Louis Mialle /
Interpretação: Dany Saval (Rosette), Claude Brasseur (Riri), Geneviève Casile, Jacques
Momod, Paulette Dubost, Jean Murat, Paul Domenge, etc.

3º "Sketch" – LA GOURMANDISE

Realização: Philippe De Broca / Argumento: Daniel Boulanger / Fotografia: Jean Panzer /
Interpretação: George Wilson (Valentin), Madeleine Bérubet (a mulher), Marcelle Arnold (a
mãe), etc.

4º "Sketch" – LA LUXURE

Realização: Jacques Demy / Argumento: Jacquesa Demy (não creditado, figurado no
genérico Roger Peyrefitte) / Fotografia: Henri Decaë / Música: Michel Legrand /
Interpretação: Laurent Terzieff (Jacques), Jean-Louis Trintignant (Bernard), Jean Desailly (o
pai), Micheline Presle (a mãe), etc.

5º "Sketch" – LA PARESSE

Realização: Jean-Luc Godard / Argumento: Jean-Luc Godard / Fotografia: Henri Decaë /
Música: Michel Legrand / Interpretação: Eddie Constantine (Eddie Constantine), Nicole Mirel
(a "starlette"), etc.

6º "Sketch" – L'ORGUEIL

Realização: Roger Vadim / Argumento: Félicien Marceau / Fotografia: Henri Decaë /
Interpretação: Marina Vlady (Catherine), Jean-Pierre Aumont (o marido), Sami Frey (o
amante), etc.

7º "Sketch" – L'AVARICE

Realização: Claude Chabrol / Argumento: Félicien Marceau / Fotografia: Jean Rabier /
Música: Pierre Jansen / Interpretação: Danièle Barraud (a prostituta), Jacques Charrier
(Antoine), Jean-Claude Brialy, Claude Rich, Sacha Briquet, Claude Berri, Serge Bento, Jean-
Pierre Cassel, Jean-Claude Massoulier, Michel Benoist, André Jocelyn, André Chand, Claude
Chabrol. Montagem do filme : Jacques Gaillard e Jacques Feyte.

Produção: Films Gibé, Franco-London-Film, Titanus / Distribuição: Consortium Pathé / Cópia:
em 35mm, preto e branco, Dyeliscopes, legendado eletronicamente em português, 113
minutos / Estreia Mundial: Paris, 7 de Março de 1962. / Inédito comercialmente em Portugal.

Le Sept Péchés Capitaux é apresentado em "double bill" com **Seven**, de David Fincher ("folha" distribuída em separado).

A projeção decorre com um intervalo de 20 minutos entre os dois filmes.

Os filmes de "sketches" (a Cinemateca já fez um Ciclo dedicado à espécie) conheceram sucessivas revoadas em sucessivas décadas, nos quatro cantos de globo. Uma das mais relevantes ocorreu sob o signo da "nouvelle vague" (durou até esta já ser "velha", durante toda a década de 60) e no âmbito restrito da França ou o âmbito europeu deu obras como **L'Amour a Vingt Ans** (1967), **Les Sept Péchés Capitaux** (1962), **Rogopag** (1963), **Les Plus Belles Escroqueries du Monde** (1964), **Paris Vu Par...** (1965), **Le Plus Vieux Métier du Monde** (1967), **Loin du Vietnam** (1967), **Amore e Rabbia** (1969).

Retendo da "nouvelle vague" apenas o "bando dos 5", só Rivette nunca entrou nessas "brincadeiras". Godard foi o mais dado a elas (dos filmes citados só não apareceu em **L'Amour a Vingt Ans**), Chabrol surgiu em três (o filme que hoje vamos ver, as **Escroqueries** e **Paris Vu Par...**), Rohmer e Truffaut num (respectivamente, **Paris Vu Par...** e **L'Amour a Vingt Ans**). Mas pelos genéricos desses filmes encontramos nomes tão relevantes do "movimento" como Demy, Rouch, Resnais, etc.

Estes "pecados" foram uma das primeiras tentativas do género. A ideia do produtor (Joseph Bercholz) foi à partida simples: conhecendo a sagração crítica (e em muitos casos de bilheteira) da "nouvelle vague", reunir esses jovens autores com um programa tão velho como os "Sete Pecados Mortais" eternamente apetecíveis. Tomou as suas precauções: aos mais festejados "cahieristas" juntou nomes prestigiados e prestigiosos, como Ionesco, Félicien Marceau ou Peyreffite (este último encarregue da ter ideias para a Luxúria teve-as mas Demy não as aproveitou, o que não impediu a produção de manter abusivamente o seu nome no genérico). E cercou Demy, Chabrol ou Godard de realizadores mais "comerciais", como Vadim, Molinaro (que acabava de ter um sucesso com **Une Fille pour l'Été** de 1960) e De Broca (já com **Le Farceur** no activo). Devia ter, ainda, fresco na memória o êxito comercial de outro filme homónimo da mesma companhia (Franco London Films), lançado em 1952 e realizado por Edouardo de Filippo, ("Avareza" e "Cólera"), Jean Préville ("Preguiça"), Yves Allégret ("Luxúria"), Roberto Rossellini ("Inveja"), Carlo Rim ("Gula") e Autant-Lara ("Orgulho"). Repare-se que com a relevante excepção de Rossellini, os pecados passavam em dez anos dos antigos aos modernos.

A crítica adversa à "nouvelle vague" não deixou de sublinhar essa coincidência: afinal de contas, a "nouvelle vague" caía nas mesmas receitas comerciais do antigo e provava com a sua adesão ao projecto que estava velha. Os "Cahiers" ripostaram: se o produto final era irregular, a culpa cabia aos "intrusos". Os sete pecados resumiam-se a três: os que levavam as sacrossantas assinaturas de Demy, Godard e Chabrol. O filme era, segundo o título da crítica de Delahaye, uma "sérénade à trois".

É verdade que quando viu tudo o produtor desistiu da ordem tradicional dos pecados e reordenou a sequência. Duvido que o tenha feito (como pretendia Delahaye) para nos livrar dos piores, logo à partida, mas é verdade que assim sucede. Não vale a pena gastar um parágrafo com "A Cólera" de Ionesco - Dhomme (efectivamente "monumentos de pretensão e indigência" para citar o mesmo crítico) nem com "A Inveja" de Molinaro (assaz indiferente), nem com "A Gula" de Broca, apesar desse "sketch" contar com a excelente interpretação de George Wilson e da velha.

Tudo muda quando chegamos à "Luxúria" de Demy. Esta nova visão confirmou-me a velha ideia de que esse é - de longe - o melhor "sketch" do filme. Desde as rimas do genérico (em "ure") às do diálogo ("Caroline, ma cousine") desde o delicioso "private joke" do "un demi-Jacques" até ao "Bosch, tu te déboches, tu te débauches") tudo é perfeito nessa pequena obra-prima, genialmente assente nas memórias infantis do protagonista, quando julgava que luxúria vinha de luxo, ("quand on a l'argent on a le capital, et c'est pour ça que c'est un péché capital") ou quando, com a ajuda do "Larrousse" descobre coisas de carne metidas nisso e vai parar às imagens do talho. E a coerência do todo é conseguida pelo livro de Bosch que autoriza uma "associação automática", com o recurso oblíquo ao surrealismo. Mais não me demoro porque o espaço aperta, com uma ficha técnica do tamanho desta.

O "sketch" de Godard (que agora me parece menos inspirado que quando o vi há 25 anos) assenta na esplêndida ideia de fazer Eddie Constantine representar o negativo do seu então famoso personagem de Lemmy Caution, ou seja de nos garantir tudo menos que "ça va border". Juntando a preguiça de Constantine (representando Constantine) à do carro permite-lhe concluir que, no caso em questão, a preguiça só é mãe de todos os vícios, pois só ela o impede de ir para a cama com a impetuosa "starlette".

À época, a crítica de "vanguarda" tratou mal o "sketch" de Vadim que agora serviria - disseram - para permitir passar pelas brasas entre as maravilhas de Demy e Godard e a de Chabrol. Foram injustos: o argumento de Marceau é excelente (de Marceau é também o argumento do "sketch" de Chabrol) e é bem aproveitado, com pontos fortes na sequência de amor entre os manequins e na lágrima final de Marina Vlady.

Mas é um facto que se se quiser exemplificar o que dum bom argumento pode fazer um bom realizador, ou um realizador mediano, o mais interessante é a comparação entre os "sketches" de Vadim e Chabrol. O primeiro é apenas interessante (uma boa história para contar), o segundo é, em "raccourci" tão brilhante como a longa-metragem contemporânea de Chabrol. Desde os "suíços" que parecem padres à pega que parece uma senhora, todas as aparências se desmancham. E é tão cruel a lotaria dos "polytechniciens" como a escolha do "puceau" Charrier para o descapotável de Danièle Barraud. E temos outra vez os sinais de acumulação (a discussão dos 2 Francos e 45 contra os 2 Francos e 40) os 50.000 Francos, ordenado de engenheiro ("mas gostavas de ir para a cama com um engenheiro?"), a gasolina a mais naquele passeio no Bois (languidamente enquadrado) e o "gag" final. E "types et tyesses admirablement typés" (como escrevia Delahaye, a propósito de tal naipe de secundários) ou continuando a citá-lo "une verve joliment sinistre, falsant briller dans des images glacées les lumières du Paris nocturne".

Este tipo de filmes participa sempre forçosamente da estrutura dos contos. E como contos os de Demy e de Chabrol representam - para acabar outra vez em citação - "sob uma forma perfeita, a quintessência dos talentos deles".

João Bénard da Costa